

Yvisson Gomes dos Santos

**APONTAMENTOS ACERCA DA FALA DE DIOTIMA DE MANTINEIA
NO *BANQUETE*, DE PLATÃO: ou o discurso sobre o amor nas palavras
de uma mulher sacerdotisa/*hetaira***

Maceió/AL

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

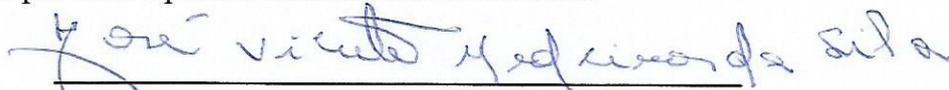
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO –
2016/2017
(RESOLUÇÃO nº 26/2015 de 04/05/2015)

ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – VIA DO ALUNO

Aos 25 dias do mês de setembro de 2017 foi instalada a Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão – TCC do Curso de Especialização em Filosofia e Educação, ofertado pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, às 14h, na Sala de Seminários da mesma instituição, a que compareceu o discente **Yvisson Gomes dos Santos**, apresentando o trabalho: “**Apontamentos acerca da fala de Diotima de Mantinea no Banquete de, Platão: ou o discurso sobre o amor nas palavras de uma mulher sacerdotisa/hetaira**”, tendo como componentes da Banca Examinadora os professores Dr. José Vicente Medeiros da Silva (Presidente), Dr. Anderson de Alencar Menezes e Ma. Maria Aparecida Batista de Oliveira. Submetido à avaliação da Banca examinadora composta pelos professores:

1. Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva (ARAPIRACA/UFAL)
2. Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes (CEDU/UFAL)
3. Prof. Ma. Maria Aparecida Batista de Oliveira (ICHICA/UFAL)

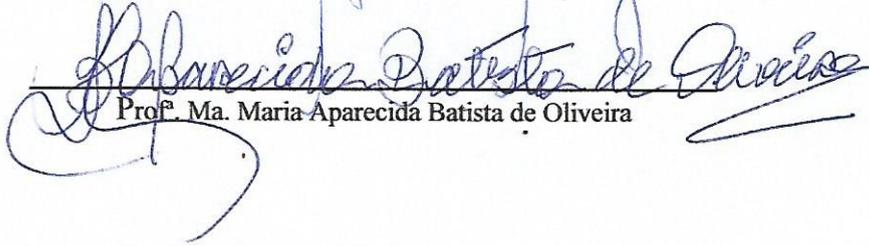
Obtendo a média final 9,0 (NOVE) tendo sido considerado aprovado por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, José Vicente Medeiros da Silva, Presidente da Banca Examinadora lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca.



Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva



Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes



Prof. Ma. Maria Aparecida Batista de Oliveira

**APONTAMENTOS ACERCA DA FALA DE DIOTIMA DE MANTINEIA
NO *BANQUETE*, DE PLATÃO: ou o discurso sobre o amor nas palavras
de uma mulher sacerdotisa/*hetaira***

Autor: Ms. Yvisson Gomes dos Santos¹

E-mail: yvissongomes@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias Lima²

E-mail: waltermatias@gmail.com

RESUMO: o presente artigo versa sobre o discurso de Diotima de Mantineia no *Banquete*, de Platão (2016). Foi utilizada a fala da sacerdotisa e *hetaira* (prostituta) através da alocação de Sócrates para se tratar sobre o Amor, – este como entidade demiúrgica. Na dialética platônica observamos que o *Eros* é um intermediário entre os homens e os deuses: filho nascido de uma mãe pobre e de um pai com recursos. A questão hipotética levantada através do texto/tecido do aristocrata Platão foi à entrada, mesmo que em estância discursiva, de uma mulher, em recinto masculino, para fazer encômio ao Amor no diálogo platônico. É de nota que Diotima de Mantineia era uma sacerdotisa e *hetaira* (cortesã), e que, por esse motivo, a sua presença era tolerada entre os convivas do *Banquete*, mesmo que, repete-se: em domínio eminentemente da discursividade. Na Grécia Clássica do V século a. C. as *hetairas* viviam em *status* aproximado dos cidadãos da *polis*, possuíam instrução e guiavam os *politikos* em assuntos tanto eróticos, quando filosóficos – esse foi o caso de Sócrates. Já as mulheres-esposas dos atenienses legítimos, igualadas a escravos e estrangeiros, estavam confinadas ao *oikos*, ou seja, a privação. Concluímos que a presença de Diotima de Mantineia trouxe ao enredo filosófico do *Banquete* a oportunidade de reafirmar a metafísica platônica das Formas (mundo das Ideias) e da experiência (mundo sensível) que afetam a formação do ser filósofo, este, por sua vez, devedor da *Episteme* nascida da *Doxa* para se um amante autêntico da sabedoria.

Palavras-chave: Banquete; Diotima de Mantineia; *Hetaira*; Eros; Diálogo.

ABSTRACT: the present article is about the discourse of Diotima of Mantineia in the Banquet, of Plato (2016). The speech of the priestess and *hetaira* (prostitute) was used through the speech of Socrates to treat about Love, - this as a demiurgic entity. In the Platonic dialectic we observe that the Eros is an intermediary between the men and the gods: son born

¹ Licenciado em Psicologia (CESMAC/FEJAL), Licenciado em Filosofia pela UFAL, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UNICID/AAL, Mestre em Educação pelo PPGE/CEDU/UFAL. Atualmente é Doutorando em Educação pelo CEDU/PPGE/UFAL e membro do GP Filosofia e Educação/Ensino de Filosofia do CEDU/PPGE/UFAL.

² Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (1988), Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Professor Associado da Universidade Federal de Alagoas, no Centro de Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de filosofia, filosofia francesa contemporânea, corpo, filosofia e educação. Professor nos seguintes programas de Pós-Graduação: PPGE/UFAL; PPGAU/UFAL e PROFIL, Núcleo UFPE.

of a poor mother and a resourceful father. The hypothetical question raised through the text / fabric of the aristocratic Plato was the entrance, even in discursive stance, of a woman, in a male enclosure, to make love to the Platonic dialogue. It is noteworthy that Diotima of Mantinea was a priestess and *hetaira* (courtesan), and that, for this reason, her presence was tolerated among the guests of the Banquet, even if, it is repeated: in eminently domain of discursiveness. In Classical Greece of the fifth century a. The *Hetairas* lived in approximate status of the citizens of the polis, they had education and they guided politikos in erotic subjects, when philosophical subjects - this was the case of Socrates. And that the women-wives of the legitimate Athenians, equated with slaves and strangers, were confined to *oikos*, that is, deprivation. We conclude that the presence of Diotima de Mantinea brought to the philosophical plot of the Banquet the opportunity to reaffirm the Platonic metaphysics of the Forms (world of Ideas) and of the experience (sensible world) that measure the construction of the being philosopher, who, in turn, is debtor of the *Episteme* born of *Doxa* to become an authentic lover of wisdom.

Keywords: Banquet; Diotima of Mantinea; *Hetaira*; Eros; Dialogue.

INTRODUÇÃO

Colocar a Filosofia Ocidental como nascida das mãos teóricas da *Paideia* (educação) helênica é um fato que nos marca profundamente. Quando se fala de fato, reporta-se a acuidade da Grécia de Péricles ou de Sólon em seu auge cultural, político, econômico e de amizade ao saber, em meados do V século a.C, que ainda nos demarcam enquanto seres civilizados.

Observa-se que no mediterrâneo grego, em tribos jônicas e dóricas, a civilização helênica formou-se, tomou firmeza em sentido forte da palavra (solidez, consistência, estabilidade), trazendo a tona vestígios que hoje, nós ocidentais do século XXI, ainda nos debruçamos, a saber: a *episteme* (ciência) nascida da *doxa* (opinião) perfazendo elementos conceituais afinados aos silogismos lógicos, a retórica, a argumentação, ao nascimento de uma metafísica oriunda dos gregos pré-socráticos que, por sua vez, caracterizou a Filosofia de Platão de modo acintoso. É de nota que, segundo Evilázio Teixeira (2015, p. 22): “o pensamento de Platão foi influenciado basicamente por quatro pensadores: Pitágoras (órfico-pitagóricos), Parmênides, Heráclito e Sócrates. Mas, sobretudo, Pitágoras e Sócrates irão determinar as grandes linhas de sua filosofia”.

Os pensadores acima citados propuseram ao “homem de ombros largos” e de origem aristocrática a teoria da metempsicose, ou da reencarnação da alma – na linhagem pitagórica; a mutabilidade das coisas e dos devires heraclitianos; a mudança ilusória da imutabilidade nas

ilações de Parmênides; e, por fim, a consciência antropológica e a discursividade socrática pelos vieses de problemas éticos (TEIXEIRA, 2015).

O aristocrata Platão, nascido em Atenas –, considerada uma Cidade-Estado das mais pujantes –, se aproximou de Sócrates e o teve como mestre e preceptor. Reza a tradição que “quando Platão conheceu Sócrates [...], rasgou ele seus primeiros ensaios de poesia ditirâmbica e trágica. O que a seguir escreveu não foram mais poemas, e sim as próprias conversas do mestre” (SOUZA, 2016, p. 192-193).

Essa ruptura com seus textos trágicos ditirâmbicos, tendo feito imersão com os diálogos de seu mestre Sócrates, arrimou a filosofia platônica como devedora do discurso socrático. Segundo Platão, Sócrates foi o homem “mais sábio de seu tempo”, de acordo com o oráculo de Delfos, preconizando o parto das ideias em seus discípulos. Esse método chamado de maiêutica levou-o a morte por ser acusado de corromper a juventude e trair a confiança dos deuses, neles não acreditando.

Uma acusação que terá direito de resposta retratado na *Apologia de Sócrates (1999³)*, um texto filosófico e literário, onde o lugar da ironia faz assento e é seguido de locuções ideativas que colocaram Sócrates como “réu de haver-se ocupado de assuntos que não eram de sua alçada, investigando o que existe embaixo da terra e no céu, procurando transformar a mentira em verdade e ensinando-as às pessoas” (PLATÃO, 1999. p. 69). O preceptor de Platão foi condenado à morte, mesmo com uma inflamada e impetuosa defesa.

Graças a seu mestre, Platão escreveu diversos diálogos que permeavam questões sobre problemáticas éticas: a Política, o Bem, a Verdade, a Amizade, o Belo, O Amor, dentre outros. Este último, o Amor, teve diversos desdobramentos teóricos, entretanto o mais representativo e com um espírito filosófico de grande proporção foi *O Banquete (2016) ou Sympósion*.

Trata-se sobre o louvor ao deus *Eros*, no qual os convivas se encontraram na casa de Agatão. Este havia escrito uma peça trágica e fora vencedor do concurso de Leneias (NUNES, 2005). Na casa do poeta trágico a presença eminentemente masculina dos convidados era notória, a exceção das criadas que serviam o vinho, e de algumas dançarinas.

Nesse nicho de confraternização, os homens estavam presentes em supremacia. Estamos falando de uma civilização que igualava escravos-mulheres-estrangeiros-crianças no

³ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

mesmo patamar. Atualmente os termos seriam as seguintes: uma Cidade-Estado que era escravocrata, xenófoba e misógina.

Entretanto algo de notório no livro *O Banquete* nos chama atenção, no qual será discutida no transcorrer deste artigo: a rememoração da fala de uma sacerdotisa/*hetaira*/estrangeira na qual Sócrates a coloca como força motriz para se pensar a figura poética de *Eros* (amor).

O discurso de uma mulher, – nas palavras do filósofo: “ela que me instruíra nas questões de amor” (PLATÃO, 2016, p. 115) –, nos atreve a uma pergunta: a sociedade helênica relegava ao *oîkos* (privado) às mulheres comuns e, por qual motivo, Platão, através do pai da maiêutica colocou uma voz feminina em seu elogio filosófico ao *Eros*, no *Banquete*? Está-se falando de Diotima de Mantinea, uma sacerdotisa e *hetaira* que havia livrado Atenas da peste na época da guerra do Peloponeso, pois “foi ela que uma vez, porque os atenienses ofereceram sacrifícios para conjurar a peste, fez por dez anos recuar a doença” (*Ibid*, 2016, p. 115).

Com essa primeira pergunta, nós pensamos noutras: Que papel filosófico desempenhou Diotima de Mantinea na inscrição socrática sobre o tema do Amor? E qual o *locus* da mulher dentro da sociedade grega?

Nossa hipótese é: sendo Diotima uma sacerdotisa, ela poderia entrar em recinto de hegemonia masculina sem feri-la, sendo aceita como *persona mui grata* pelo motivo de ser uma prostituta/sacerdotisa e não uma mulher do *oîkos*. Ou: Se Diotima foi uma sacerdotisa/prostituta, então ela era tolerada sem reservas em recintos eminentemente masculinos no âmbito da textualidade proposta por Sócrates no diálogo platônico.

Outra questão: qual a contribuição de Diotima para a metafísica platônica sobre o Amor? Ou: qual a articulação conceitual sobre o Amor (*Eros*) essa sacerdotisa/*hetaira* trouxe ao *Banquete*, de Platão?

DO OÏKOS AO PÚBLICO: A MULHER NA SOCIEDADE GREGA NA ÉPOCA DE PLATÃO

Estamos em um momento histórico, na época de Platão, onde florescia a democracia enquanto prática/discurso inerente ao cidadão da *polis* (V século a.C). Quando se fala de cidadão é-nos inerente pontuar que se trata dos seres da *polis* ou dos *politikos*. Todas as

questões que envolviam os espaços públicos da Cidade-Estado de Atenas eram dialogadas entre os atenienses legítimos. Muitos se sobressaiam em argumentos de como se ter uma cidade ordeira e justa, no qual Sócrates também discutia esses temas entre os seus alunos/discípulos, na *Ágora* (praça).

A praça como formadora de uma pedagogia ou de uma *Paideia* iluminava as discussões acirradas sobre as práticas de punição e deveres dos cidadãos da *polis*. Questões nefrágicas como a acusação de Sócrates, práticas sexuais ilícitas com escravos ou estrangeiros etc, eram colocadas nessa territorialidade pública.

Precisamos fazer uma distinção entre o público e o privado na Grécia. Recorremos a M. Florenzano:

Oikos e *polis* são dois termos gregos que indicam instituições que, pelo menos na documentação textual e no nível da História das ideias, dos valores, podem traduzir o que queremos dizer com privado e público. São termos que dificilmente podemos verter para as línguas modernas, pois sua conceituação envolve uma série de elementos característicos e específicos da sociedade grega. A grosso modo, oikos é casa e *polis* é cidade, mas ‘casa’ e ‘cidade’, empobrecem o conceito tanto de oikos quanto de *polis* (2001, p.01).

Podemos dizer que por mais que seja difícil uma alusão na tradução do grego para a língua portuguesa, o entendimento ou seu significado nos coloca numa visão antagônica: público vem da *polis* = dos *politikos*; e *oikos*, do privado, da casa, do lar. Numa outra tentativa de definição sobre o termo *politikos*, ele “vem do grego *polites*; 1. ‘cidadão’, 2. ‘polis’, 3. ‘cidade’” (LAROUSSE, 1992, p. 547). Ou seja, a Cidade-Estado grega era regida pelos cidadãos nascidos em solo ateniense, detendo-os o direito de fala e de julgo.

No Dicionário Etimológico *On-line*, temos outra definição: “numa sociedade como a grega, em que a vida pública interessava a todos os cidadãos, os *politikos* eram aqueles que se dedicavam ao governo da *polis* (‘a cidade’ ou ‘o Estado’), colocando o bem comum acima de seus interesses individuais” ([s.d], verbete P)⁴.

Já entendido o sentido de *polis*, o privado era endereçado também às mulheres casadas com cidadãos gregos legítimos. Deve-se frisar que havia outras Cidades-estados como o de Esparta, mas suas idiosincrasias civis eram completamente diferentes das de Atenas, principalmente no tocante a posição da mulher. E mais:

⁴ DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. [s.d.]. **Verbetes P**. <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/politico/>> Acesso em Julho de 2017.

No nível abstrato, as mulheres constituíam o elemento central na continuidade da *pólis*. [...] No nível concreto, essas prioridades culturais forçavam a comunidade a ter certeza que o processo de garantia [da manutenção da hierarquia social e econômica] estava absolutamente seguro [...] (BOUVRIE *apud* CAMPOS, 2015, p. 14).

Em Atenas, regida por uma deusa filha de Zeus e Hera, o privado representava algo inerente aos misteres da mulher, e não somente a ela, pois o *oikos*:

era um espaço fechado e funcional muito mais que ostentatório ou de aparências como o espaço público muitas vezes se tornava. O relacionamento estabelecido no interior do *oikos* era pessoal, íntimo, hierárquico e desigual: marido/esposa; pai/filho; proprietário/escravo. Também a divisão do trabalho era marcada no interior do *oikos* já que cada qual tinha a sua incumbência de sorte a fazer funcionar esta célula de produção: as mulheres fiavam, os homens cuidavam do gado e das terras, e assim por diante (FLORENZANO, 2001, p. 05).

Esse espaço chamado de *oikos* representava a privacidade de uma casa, de um espaço fechado e das intimidades entre esposa/marido pai/filho e de escravos com seus donos. Esse território não possuía importância igual ao público – espaço privilegiado dos atenienses livres. Ou em outras palavras:

enquanto o homem ocupava todos os espaços externos, participava ativamente da vida política e gozava de grande liberdade, as mulheres permaneciam no interior da casa, desempenhando o papel social que lhes fora designado: o de esposas e o de mães (CAMPOS, 2015, p. 12).

Era somente imputada a mulher o papel social de estar no *oikos*; essas mulheres que eram esposas de homens livres. Temos a figura de Xantipa, companheira de Sócrates, que foi caricaturada e ridicularizada como mulher inconveniente, arredia, impulsiva e desafiadora de seu esposo. Esse modelo preestabelecido denotava o perfil do patriarcado grego em colocar a mulher (*gynaika*) em submissão. Platão nos diz: “Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos teria dado o tear a propriedade de fiar sozinho (1964, p. 135). Segundo Nadia Lima, o “homem-livre era sinônimo de homem, macho da espécie humana (e não de mulher), de ateniense (e não de estrangeiro) e de cidadão (e não de escravo)” (LIMA, [s.d], p. 18).

Mas seria a mulher ateniense somente colocada nesse papel de submissão ao *Oikos*? Respondemos: não. Havia outras mulheres que detinham o saber, a escrita, a participação invejável na política e que estavam juntas dos atenienses de forma quase igualada e/ou tolerada. Falamos das *Hetairas* (prostitutas) ou das sacerdotisas.

Segundo Nickie Roberts (1998), as filhas de Afrodite cortesã eram inúmeras, tanto as que estavam subordinadas a mulheres proxenetas, quanto aquelas que eram sacerdotisas e *hetairas*. Essas últimas galgavam poderes econômicos, filosóficos e espirituais entre os homens de Atenas, – não se colocavam em submissão e nem se apartavam do cuidado de si mesmas –, saíam em praça pública com vestidos coloridos ou brancos com fitas vermelhas, mostrando-se privilegiadas entre os *politikos*.

Roberts (1988, p.41) nos diz:

As *Hetairae* conduziam seus negócios abertamente em Atenas, trabalhando independentemente tanto dos Bordéis do Estado quanto dos templos [...] Cada cortesã tinha uma pedra que ela usava para registrar mensagens, e toda manhã um cliente lhe escrevia cumprimentos, justamente com os detalhes mais práticos, como o horário sugerido e o preço. O escravo pessoal da prostituta levava a mensagem para a sua senhora e, se os termos fossem do seu agrado, a cortesã se dispunha a encontrar com o cliente mais tarde [...] Ao anoitecer, o jardim estava repleto de belas mulheres e seus clientes, flertando, se divertindo, negociando.

Podemos perceber que entre as *hetairas*, sendo-as fruto da deusa Afrodite, a liberdade das mesmas era inerente por serem consideradas sagradas. Podiam ter escravos e negociar com seus clientes da forma que lhes aprouvessem. Teremos também as seguidoras de Safo, de Lesbos, que eram iniciadas da ordem do amor e nas práticas sáficas. Elas, tal como as *Hetairas*, possuíam um grau de instrução elevado, e “envolviam-se em encontros apenas do seu próprio sexo: banquetes e festivais frequentados apenas por mulheres, em que as participantes tanto homenageavam sua deusa, Afrodite, quanto celebravam a sua convocação” (ROBERTS, 1988, p. 51).

A figura de Diotima de Mantineia representava tanto a sacerdotisa, quando a *hetaira*. Como podemos afirmar isso? Segundo Shannon Bell:

O próprio nome ‘Diotima’ é um traço para a prostituta do templo ou sacerdotisa; **‘Diotima’ significa aquela que honra a Deus, aquela que trabalha ao serviço do deus ou da deusa [...]** Há uma evidência textual e contextual para marcar Diotima a *hetaira* [...] Na construção de Diotima, Eros combina de forma semelhante o sexual e reprodutivo e, como a prostituta sagrada, ele medeia entre os deuses e o homem. O Eros de Diotima é ‘um espírito muito poderoso’, um *daimon*, ‘a meio caminho entre Deus e o homem’ (1994, p. 27. grifos nossos)

E continua a pesquisadora:

A prostituição sagrada foi, em certo sentido, a manifestação humana de Eros: o verdadeiro corpo pelo qual o homem poderia ter relações sexuais com os deuses. Eros, como as *hetaerae*, era ‘adepto da feitiçaria, do encantamento e da sedução’ (*Ibid*, p.28, tradução livre).⁵

Ora, já podemos observar que a sacerdotisa/*hetaira* Diotima de Mantinea lidava com os códigos do Eros, um demiurgo⁶, quando se expressava na boca de Sócrates, no *Banquete* – através da metáfora da origem do amor.

Prestemos atenção que ela era adepta da feitiçaria, do amor, do encantamento e da sedução. E ainda mais: Diotima, como cortesã sagrada, deteve a formação do Filósofo grego do “parto das ideias” no âmbito da erótica. Frisa-se a citação encontrada na introdução desse artigo: “ela que me instruíra nas questões de amor” (PLATÃO, 2016, p. 115).

Nossa hipótese vai se confirmando quando aferimos que sendo a sacerdotisa/*hetaira* preceptora de Sócrates, ela possuía regalias por ser uma prostituta. Nota-se que a prostituição era legalizada na Grécia de Péricles (exceto de Sólon), e a mulher de Mantinea sendo cortesã poderia participar de encontros entre homens, tanto de foro íntimo, quanto de foro filosófico. As pitonisas, do deus efebo Apolo, tinham seu poder religioso e respeitabilidade entre os gregos, dentre outras mulheres no imaginário helênico das tragicomédias, a saber:

Un tesoro de mujeres excepcionales nos ha legado la cultura griega. El dolor, la fidelidad, la justicia, la alegría, la belleza, la amistad, la bondad, llenan las páginas de la épica o la tragedia y a las que ‘no muerde el diente envidioso del tiempo’. Esos sentimientos ideales los encarnan personajes femeninos que han llegado vivos hasta nuestros días como Ifigenia, Helena, Creusa,

⁵ “The very name ‘Diotima’ is a trace to the temple prostitute or priestess; ‘Diotima’ means one who honours God, one who works in the service of the god or goddess [...] There is a textual and contextual evidence to mark Diotima a *hetaira* [...] In Diotima’s construction Eros similarly combines the sexual and reproductive and like the sacred prostitute he mediates between the gods and man. Diotima’s Eros is ‘a very powerful spirit’, a daimon, ‘half-way between god and man’. The sacred prostitute was in a sense the human manifestation of Eros: the real body through which man could have intercourse with the gods. Eros, like the *hetaerae*, was “adept in sorcery, enchantment, and seduction.” (BELL, S. **Reading, writing, and rewriting the prostitute body**. Bloomington: Indiana University Press, 1994, p. 27-28).

⁶ “Significa ‘o que trabalha para o público, artífice, operário manual’, *demios* significando ‘do povo’ e *-ourgos*, ‘trabalhador’. No sentido de “trabalhador para o povo”, a palavra foi usada em todo o Peloponeso, com exceção de Esparta, e em muitas partes da Grécia, como sinônimo de um alto magistrado. **No pensamento cosmogônico de Platão, o termo designa o artesão divino - causa da alma do mundo - que, sem criar de fato o universo, dá forma a uma matéria desorganizada imitando as essências eternas, tendo os deuses inferiores, criados por ele, como tarefa a produção dos seres mortais.** No pensamento gnóstico, o demiurgo, criador do mundo é distinto do Deus supremo e em geral considerado mau” (DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ON-LINE. **Demiurgo**. Disponível em << <http://dicionarioportugues.org/pt/demiurgo>>> Acesso em Agosto de 2017 (grifos nossos).

Calipso, Fedra, Danae, Antígona, Penélope, Electra, Nausicaa, Dafne, Casandra (LLEDÓ, 2009, p. 01).

Essas personagens que cumpriam uma função educativa na Grécia, tanto no teatro, quanto na cotidianidade dos helenos, foram consideradas primazes para a formação da *Paideia*. Quando nos referimos a esse termo, queremos dizer com Jaeger (2010, p. 04) que “a Educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual”. E na dialética platônica, pensando no *Banquete*, “o principal encanto dramático [...] na maestria das caracterizações individuais” (*Ibid*, p. 725), trouxe-nos a performatividade dos discursos na casa de Agatão rumo a uma educação pela via do amor. Ou pela dialogicidade socrática através do *logos* (*fala, discurso*) que discutia eticamente o amor demiurgo pela voz de uma mulher/cortesã. Pois:

Es sorprendente que en boca de esa misteriosa mujer aparezca la primera interpretación y teoría del Eros. El dios del amor llena con sus hazañas toda la literatura griega, pero es precisamente en *El banquete*, en el que varios hombres intentan definir el origen y sentido del Eros, donde brilla el discurso y la interpretación de la clarividente mujer (LLEDÓ, 2009, p. 01).

Nesse momento, vamos pensar sobre o discurso platônico do *Sympósion* e sua dívida à Diotima para se entender a dialética do amor pela interpretação clarividente desta sacerdotisa.

APONTAMENTOS ACERCA DA FALA DE DIOTIMA DE MANTINEIA NO BANQUETE, DE PLATÃO

Devemos levar em consideração que o discurso proposto nesse livro de maturidade de Platão é em forma de diálogo. E o que vem a significar esse termo? De acordo com o Larousse (1992, p. 357), “do grego [diálogos]. 1. Conversação entre duas ou mais pessoas. 2. O conteúdo desta conversa; discussão. 3. Obra literária ou científica em forma dialogada”.

Devemos perceber que se trata de uma discussão entre duas ou mais pessoas, e é assim que o livro dialogado de Platão irá se colocar – com dialogicidade. Não devemos nos esquecer que todos os discursos platônicos nos remetem ao *logos*. Este vem a ser conceituado como razão ou discurso racional. Mesmo que se fale sobre o *Eros*, ele será dialogado na perspectiva racional e, principalmente, na dialética, mas objetivando a contemplação através da reflexão conversada.

Sócrates como articulador da dialética propõe nos embates de seus diálogos, através da escrita platônica: discussão, aporias, ironias para fazer com que seu leitor e discípulo encontrem a *Aletheia* (A Verdade). Essa substância metafísica em Platão será a centrifugação da Forma e das Aparências para se falar em Filosofia – poderíamos chamar essa centrifugação teórica de *Doxa* e *Episteme*. O que significam para a filosofia de Platão?

Para avançarmos nessa proposta filosófica, de acordo com Dal Maschio (2015), temos o conhecimento (*episteme*) seguido da *Nóiesis* (inteligência), e da *Diánoia* (entendimento, pensamento discursivo) que se farão presentes nas Formas e na matemática. Em contrapartida, haverá a *Doxa* (opinião, seguida da *Pístis* – crença e da *Eikasia* (imaginação)) – estas participam do mundo sensível ou dos objetos de experiências. Com isso, cita-se novamente Maschio:

Temos um retrato do conhecimento e da ignorância, mas nada sabemos sobre como podemos alcançar o nível superior da *episteme*. Chegando a esse ponto, Platão veste-se com suas melhores roupagens místicas, herdadas do orfismo e do pitagorismo. Para começar, porque o acesso à verdade não é resultado de um processo racional, às Formas não se chega através do pensamento, não as ‘entendemos’ ou ‘deduzimos’ ou ‘aferimos’: as Formas ‘descobrem-se’ ou ‘contemplam-se’ (2015, p. 65).

Ou seja, para se falar sobre o Amor no âmbito platônico devemos sempre pontuar que há um mundo de contemplação (o Amor como entidade metafísica no *Banquete* remetem-nos ao ideia de que temos parcas lembranças dele, e o mesmo se concretiza em si através do mundo das Ideais, ou do mundo Suprassensível), – o Mundo das Ideias –, e o Mundo Sensível, das experiências; a entidade Amor que será descrita por Sócrates na fala de Diotima, terá essa função precípua e, mais uma, demiúrgica. Enveredar sobre o conhecimento e a opinião é um recurso metodológico nascido do parto das ideias socrático, adensando ainda mais a importância desse interlocutor, nas palavras de Alcebiades, de “um Sileno que seduz e encanta” (PLATÃO, 2016, p. 161), tal como uma sacerdotisa com seus arrebatamentos e agúrios (Como a Diotima?). Falemos do *Banquete* ou *Sympótion*.

A princípio, “*O Banquete* é, ao mesmo tempo, um dos mais belos e mais simples diálogos platônicos” (SOUZA, 2016, p. 189). Um livro em que a história narrada e o evento de celebração na casa de Agatão são extemporâneos. Tem-se uma estimativa de mais de 20 anos do fato ocorrido na redação do diálogo platônico.

Conta-nos Souza: “num jantar em casa de um poeta, que comemora sua vitória no concurso de tragédias, resolvem seus convivas instituir um concurso, oratório desta vez, e em consequência cada um deles faz um discurso de elogio ao Amor, à divindade que presidia àquela jovial heteria” (2016, p. 190). Heteria seria uma reunião entre homens, e que na Grécia Clássica caracterizava um encontro de pares, de cidadãos em momentos festivos.

Basicamente nessa heteria, colocar-se-á o Amor como tema de discussão, ou sendo mais específico, na forma de encômio. O eixo axial sobre esse deus, segundo Giovane Reale e Dario Antiseri é:

Entendido como força mediadora entre o sensível e o suprassensível, força que dá asas e eleva, mediante os vários graus de beleza, à metaempírica Beleza em si. E visto que para os gregos o Belo coincide com o Bem, ou é de todo modo um aspecto do Bem, assim Eros é força que eleva ao Bem, e a ‘erótica’ se revela como um caminho alógico que conduz ao Absoluto (REALE; ANTISERI, 2017, p. 152).

Deve-se observar que o que está em questão na fala de Sócrates no *Banquete* refere-se ao deus *Eros* ora belo, ora feio, ou ambos. A visada sempre será no perfil dialético do Belo em si, da Beleza em si. Nas palavras de Sócrates em interlocução com Diotima:

Não fiques, portanto, forçando o que não é belo a ser feio, nem o que não é bom a ser mau. Assim também o Amor, porque tu mesmo admites que não é bom nem belo, nem por isso vás imaginar que deve ser feio ou mal, mas sim algo que está, dizia ela, entre esses dois extremos (PLATAO, 2016, p. 154).

A sacerdotisa de Mantinea prepara Sócrates, e seus convivas para dar início ao Amor, esse deus em forma de louvor. Antes de qualquer coisa a *hetaira* diz que por intermédio do deus: “é que procede não só a arte divinatória, como também a dos sacerdotes que se ocupam de sacrifícios, das iniciações e dos encantamentos, e enfim adivinhação e magia” (PLATÃO, 2016, p 156).

Esse deus, o Amor, se ocupa com as artes de adivinhação. Ele faz com que os seus servos sejam imantados com os poderes do encantamento e da sedução. Para a sacerdotisa de Mantinea ele era considerado um deus que propunha suas graças aos iniciados. Sócrates pertencia a um culto órfico, o de *Elêusis*, uma sociedade secreta entre homens e mulheres no fausto da Grécia Clássica.

De acordo com Loredo (2009, p. 20): “os Mistérios de *Elêusis* [...] à presença notável de elementos do culto eleusino no texto do *Banquete*, por exemplo, a distinção entre os Mistérios iniciais e a contemplação perfeita é completa (*epotika*)”. Está-se falando dos

mistérios de iniciação, na qual Diotima havia proposto ao pai da maiêutica a sua entrada na *epotika* sob os auspícios dos deuses helênicos (VERNANT, 2006). E qual a função desses deuses? Segundo J-P Vernant:

Os deuses gregos não são pessoas, mas Potências. O culto os honra em razão da extrema superioridade da sua condição. Se eles pertencem ao mesmo mundo que os humanos, se eles têm, de uma certa forma, a mesma origem, eles não participam daquelas deficiências que marcam as criaturas mortais com o selo da negatividade – fragilidade, fadiga, sofrimento, doença, morte – [os deuses] encarnam não o absoluto nem o infinito, mas sim, a plenitude dos valores que são apreciados nesta existência terrena: beleza, força, juventude eterna, fulgor permanente da vida.⁷

A tônica do mistério de Elêusis referendava a plenitude dos deuses, mesmo que neles houvesse o selo da negatividade, no entanto, de modo absoluto, representam à jovialidade, a beleza e a razão: elementos esses que serão observados no discurso de Diotima. Deve-se frisar que o tónus da Beleza em si, do Amor em si serão questionados pela sacerdotisa e *hetaira* através da fala de Sócrates, voltando ao caráter de demiurgo do *Eros*. Qual a origem desse amor? Segundo Sócrates, na rememoração da fala da cortesã:

É um tanto longo de explicar, disse ela; todavia eu direi. Quando nasceu Afrodite, banquetearam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar – pois vinho ainda não havia –, penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deitou-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por ser filho do Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem natureza de sua mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista; e nem imortal é a sua natureza nem moral, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece, ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância (PLATÃO, 2016, p. 157-158).

⁷ VERNANT, J. P. Mito e Religião na Grécia antiga. Tradução Joana Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 71.

Já se sabe a partir desse momento que o deus Amor ascende de uma mãe podre e de um pai de recursos. A articulação da gênese do *Eros* estará entre a sabedoria e a ignorância; entre a necessidade de buscar algo e dele fazer recurso para alcançar, sejam pelos encantamentos, seja pela sedução.

Todo o discurso de Diotima de Mantinea, rerepresentado por Sócrates, descaracteriza a ideia que se tem sobre esse deus, colocando-o na feição de um demiurgo. Ele nem é belo, nem feio, apenas é um *médium* entre os homens e os deuses.

Segundo Reali: “Amor não é nem belo nem bom, mas é sede de beleza e de bondade. Amor não é, portanto, um deus (Deus é só e sempre belo e bom), mas sequer é homem. Não é mortal nem imortal: é um desses seres daimoníacos ‘intermediários’ entre homem e Deus” (2017, p.152-153). Sendo o amor um intermediário entre os deuses e os homens, esse “*eros*, concebido [...] é ao mesmo tempo o impulso para a verdadeira realização essencial da natureza humana, e portanto um impulso cultural no mais profundo sentido da palavra” (JAEGER, 2010, p. 739).

Para Reali e Antirese o:

Amor é, portanto, *filo-sofo*, no sentido mais carregado do termo. A *sophia*, isto é, a sapiência, é possuída somente por Deus, a ignorância é própria daquele que está totalmente alienado da sapiência; ao contrário, a filosofia é própria de quem não é nem ignorante nem sapiente, não possui o saber, mas a ele aspira, está a procura, e aquilo que encontra lhe escapa e o deve procurar além (REALE; ANTIRESE, 2017, p. 153).

Na afirmação acima, como ficará a educação ou *paideia* do ‘erotismo’ ou do Amor como demiurgo?

Nas relações entre os homens de Atenas havia a prevalência da pederastia. Um homem mais velho (*erastes*) iniciava seu discípulo na arte do saber. Esse jovem era chamado de *erômenos*. Tal relação mantinha a característica da dialética no sentido de haver uma sensatez entre os *politikos* com na Academia platônica – local privilegiado dos amantes aprendizes. Diotima falará sobre isso ao se referir às mutabilidades do amor, pois:

em geral, todo esse desejo do que é bom e de ser feliz, eis o que é ‘o supremo e insidioso amor, para todo homem’, no entanto, enquanto uns, porque se voltam para ele por vários caminhos, ou pela riqueza ou pelo amor à ginástica ou à sabedoria, nem se diz que amam nem que são amantes, outros ao contrário, procedendo e empenhando-se numa só forma, detêm o nome do todo, de amor, de amar e de amantes (PLATÃO, 2016, p.161-162).

A relação entre amante e amado é um exercício filosófico no sentido de promover a sabedoria. Os *erastes* e os *erômenos* mantinham um diálogo, tanto homoerótico, quando de amor ao saber. O que Diotima diz é a importância desse vínculo na manutenção da *Paideia* grega e da cultura do V século a. C.

Sócrates com a parturição de ideias retoma ao conceito de mundo sensível e inteligível. Ora, para se parir as ideias pela cavilha do *Eros* requerer-se-á que o amante e o amado se detenham no saber que nos é mostrado, parcialmente, no nosso Mundo Sensível, pela ótica da *Doxa*. A *episteme* ou a Forma detém uma contemplação que no parto das ideias os amantes discutirão e se lembrarão – reminiscências – da origem primeira das Ideias pelo Amor.

Nosso mundo, segundo Platão, é uma sombra nebulosa regida pela experiência e que guarda através do diálogo e da metodologia da maiêutica a possibilidade de parir/conceber/ /mostrar/lembrar das Ideias esquecidas ou evanescidas. Diotima de Mantinea, nas palavras de Emilio Lledó (2009, p 05), tem:

El Eros nos hace salir de nosotros mismos, nos arranca de la soledad y nos inserta en un mundo distinto y perenne donde la efímera individualidad se alza hasta la verdad y la belleza "con lo que todo bueno está emparentado". Ese ascenso es una muestra de cómo en el desvelo amoroso, sometido a la propia estructura corporal, brota la esperanza que es, en el río del amor y la memoria, la forma humana de eternidad. Todo lo otro que ha montado el gran engaño de la ignorancia es pura miseria y, en el peor de los casos, pura perversión lastimosa del inabarcable territorio del amor. "En él sí que merece la pena vivir", dijo la mujer de Mantinea.

A tentativa da *hetaira* em falar sobre o Amor é aquela em que nos faz pensar ser o *Eros* do filósofo regido pela ignorância e pela sabedoria concomitantemente, pois “ela aproxima *eros* da opinião verdadeira, conceito fundamental para a concepção platônica de educação. [...] filosofar é estar a procura de algo. *Eros* e filosofia têm como condições naturais o desejo ou a falta de saber” (PAVIANI, 2008, p. 86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo deslocamento textual no sentido de dar-lhe uma hermenêutica requer sacrifícios e atenção à obra na qual se debruça. Nesse sentido o Banquete platônico foi o código pesquisado e voltado às relações do amor discutido/dialogado por uma *hetaira*.

Essa mulher, sacerdotisa e prostituta, foi quem ensinou Sócrates a arte do amor. Tal amor que no diálogo platônico nasceria de pais distintos, mas na festa de Afrodite: de um pai astuto, e de uma mãe pobre. Através desse vínculo o Amor tornou-se um demiurgo, – um *médium* entre os homens (mortais) e os deuses. Uma missão alvissareira se não fosse o espírito precário do amor.

Quando falamos de precário nos reportamos a faltoso. No encômio ao deus, na versão socrática, o filósofo aparece como a encarnação do *daimon* descrito pela sacerdotisa. Podemos dizer que a relação Diotima-Sócrates enveredou-se ao amor/contemplanção que teve uma função filosófica, a saber, uma contemplanção intelectual sobre o belo, sobre o *Eros*: o amor como nascido do discurso socrático visando um grau elevado entre os amantes a uma dimensão espiritual.

A presença da mulher no encômio ao deus *Eros* na casa de Agatão, chamou-nos atenção por se tratar de uma sociedade misógina. Podemos dizer que sendo sacerdotisa, com seus encantos e presságios, Diotima, através da leitura de Sócrates, não somente se valeu desse artifício de sacerdotisa, como também do *status* de ser uma prostituta.

Na Grécia Clássica, na época de Péricles, a arte de se prostituir era louvada, – a *hetaira* não estava no *Oikos* –, mas estava nas praças, nos banquetes, nas ruas e na academia grega. Para ser uma mulher *hetaira* fazia-se necessário o conhecimento dos textos antigos e iniciatórios e dos códigos da aristocracia helênica. À mulher comum do *oikos* restava-lhe a casa, os afazeres domésticos, o cultivar e cuidar dos filhos, não havendo permissão para entrar nos recintos masculinos como faziam as cortesãs (ROBERTS, 1998).

O que nos provocou no texto platônico foi à tônica da Diotima sacerdotisa, detentora de encantos, e de Sócrates, igualmente considerado encantador pelas suas palavras e discurso (um Sileno, nas palavras de Alcebíades).

Na mitologia grega o Sileno era um ser *itifálico* (com pênis avantajado) que seduzia as ninfas. Seu encanto estava na flauta, na sonoridade musicada desse instrumento e no seu *phallos* (FESTUGIERE, 1988). Podemos dizer que o doce flautim de Sócrates eram as suas palavras, o seu discurso que enfeitiçavam os amantes.

Há uma relação bem aproximada de Sócrates-Diotima, pois ambos eram encantadores em seus discursos, mostrando, já no *Banquete*, aos convivas da casa de Agatão, o poder da sedução que era inerente a *Eros*.

Conclui-se que o diálogo sobre o amor é um *intermezzo* entre os homens e os deuses. *Eros*, o demiurgo, propunha, nas palavras de Sócrates, de ser aquela entidade que livraria o filósofo da ignorância, pois ele era faltoso, e o colocaria com o absoluto, com o saber, pois ele era expediente. A falta era sua mãe, e o recurso seu pai – com eles o “amigo da sabedoria” poderia conseguir sair das aparências através do ato dialogado e da dialética que paria.

REFERÊNCIAS

BELL, S. **Reading, writing, and rewriting the prostitute body**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

CAMPOS, K. R. **Pólis vs. Oikos**: a investigação do papel feminino no drama grego. *Mimio*. Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, 2015. Disponível em << <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139095/000865162.pdf?sequence=1>>> Acesso em Agosto de 2017.

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ON-LINE. **Demiurgo**. Disponível em << <http://dicionarioportugues.org/pt/demiurgo>>> Acesso em Agosto de 2017

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. [s.d.]. **Verbete P**. Disponível em << <https://www.dicionarioetimologico.com.br/politico/>>> Acesso em Julho de 2017.

FESTUGIERE, A. J. **Grécia e Mito**. Gradiva Publicações, 1988.

FLORENZANO, M. B. B. **Pólis e oikos: o público e o privado na Grécia Antiga**. Publicado nos Anais do I Simpósio Regional de História Antiga, Rondonópolis, M.T (LAPECA). 2010. Disponível em << http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/florenzano_polis_e_oikos.pdf>> Acesso em agosto de 2017.

JAEGER, W. **Paideia**: a formação do homem grego. 5 ed. Tradução Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAROUSSE. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1992.

LIMA, N. R. **Gênero – Curso de especialização em gênero e diversidade na escola**. Alagoas: UFAL, [s.d].

LLEDÓ, E. **El Eros de Diotima**. Ell País: 2009. Disponível em << https://elpais.com/diario/2009/10/04/eps/1254637623_850215.html>> Acesso em Agosto de 2017.

LOREDO, C. R. **Eros e a iniciação**: Um estudo sobre as relações entre a *paidéia* platônica e os antigos cultos gregos de Mistério a partir do Banquete. *Mimio*. Departamento de Filosofia (Mestrado). FAJE: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. 2009. Disponível em << <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/111213-WNJlJzPuYcb.pdf>>> Acesso em Agosto de 2017.

MASCHIO, E. A. D. **Platão** – A verdade está em outro lugar. São Paulo: Salvat, 2015.

NUNES, P. S. **História da Cultura e das Artes**. 11 ed. Lisboa: Lisboa Editora, 2005.

PAVIANI, J. **Platão & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. **Diálogos**. Rio de Janeiro: Globo, 1964.

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Editora 34, 2016.

REALI, G; ANTISERI, D. **Filosofia** – Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 2017, volume 1.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SOUZA, J. C. As grandes linhas da estrutura do Banquete. In.: PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Editora 34, 2016.

TEIXEIRA, E. F. B. **A Educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

VERNANT, J. P. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Tradução Joana Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.